

A relação transferencial: transitando fronteiras entre a alteridade e o vínculo

Ana Georgina López Zepeda¹

O propósito deste trabalho é refletir sobre a relação transferencial e os processos de vínculo e alteridade, assim como de sua influência no trabalho psicanalítico. O vínculo tem a ver com uma união, com um laço afetivo, com um encontro entre dois psiquismos. Mais do que a soma de dois sujeitos, o vincular se refere a um espaço psíquico novo que se constrói a partir das relações do sujeito, das alianças inconscientes que se repetem e atualizam com o analista. Por outro lado, a alteridade se refere a capacidade para ser outro/distinto e reconhecer a discriminação entre o tu e o eu. Mas, como se trabalha na técnica? Qual é a função da transferência? Qual é a distância mais suportável com o outro? Qual é o desejo próprio que vai se construindo na análise? Como diferenciar a necessidade da alteridade das resistências constantes no processo? Questionamentos surgidos a partir de um paciente de traços paranoicos que se auto proclamava um forasteiro das relações interpessoais. Assim, o tornar-se sujeito-outro tem a ver com o processo do vínculo, de desencontro-encontro de si mesmo com o outro.

Palavras chave: transferência, vínculo, alteridade, resistência, técnica.

No presente trabalho, minha intenção é refletir sobre a construção da subjetividade do sujeito migrante no processo de análise, tendo como referência algumas experiências com pacientes de uma comunidade da igreja com a qual colaboro há alguns anos. Em sua maioria sujeitos provenientes de países da América Central, onde se vivem condições de pobreza extrema, marginalização, insegurança e violência. Emigrar significa deixar a pátria e a família para se mudar para outro país. Existem migrações voluntárias e as forçadas. Para o nosso caso, há um pouco das duas, pois, embora exista vocação, vontade de pertencer a uma comunidade eclesíastica, também a procuram como refúgio e alternativa de sobrevivência. Ou seja, a migração é forçada pelo medo de que as

¹ Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.

condições econômicas, sociais e as possibilidades futuras possam piorar em seus países de origem. A migração pode se tornar uma situação traumática e produzir fortes angústias de desamparo, pois implica mudanças na realidade externa e interna. A conformação da subjetividade é reconhecida através dos vínculos primários e da diferenciação do *eu, não - eu* e do *nós somos- nós não somos*. Ao migrar, se perde esta identidade de pertencimento e de referência social, esta perda de reconhecimento do ser. O deslocamento forçado fragmenta a identidade, o sujeito desaparece e a capacidade de simbolizar se perde. Do mesmo modo, o outro aparece, como intrusivo e ameaçador ao sujeito, ao seu modo de ser e à sua cultura. Assim, a congregação, neste caso, significou um espaço de acolhimento, cuidado, reorganização do psiquismo e a possibilidade de projetar o futuro. Também, a alienação de seus membros, a perda de pensamento por si mesmos e a questão da alteridade foram colocadas em tensão. Entre algumas questões levantadas na análise com os sujeitos estão: “Como eu me reconheço?” “Como saber quando me tornei o outro ou o outro em mim?” Foi-me dito que eles se sentem como forasteiros, estrangeiros e que lhes dá angústia viver em vários mundos, que viver com outros homens às vezes é um privilégio, às vezes um fardo insuportável. Eles temem continuamente se perder no outro e o mesmo se repetiu comigo na transferência. Um deles lembrava constantemente de sua mãe o cheiro concentrado de pele misturado ao aroma de café que ela emitia quando estava perto do fogão.

A relação de transferência

A relação transferencial entre um analista e seu paciente leva um processo não linear que inicia, talvez, desde o desejo ou a intenção de começar uma análise. Existe a resistência, o medo ou expectativa. Seja qual for o caso, há um afeto a depositar na figura do analista e uma viagem que empreende até os lugares mais recônditos da alma. Freud aponta que na transferência reaparecem os afetos mais arcaicos:

Todo ser humano, pelo efeito conjugado de suas disposições inatas e das influências que recebe na infância, adquire uma especificidade determinada pelo exercício de sua vida amorosa, isto é, pelas condições de amor que ele estabelecerá e pelas pulsões que ele satisfará, bem como para as metas que irá definir. (...) E se a necessidade de amor de alguém não for satisfeita pela realidade, eles serão forçados a se voltar com representações libidinosas - expectativas em relação a cada nova pessoa que aparecer (Freud, 1912, p. 97-98).

Freud (1938) explica que a transferência é algo que surge em cada situação analítica de maneira única e não repetível, na qual o analisado transfere sentimentos e desejos sobre o analista. Esses sentimentos vêm em formas de amor, hostilidade, perseguição, próximos ou distantes. Algum tipo de transferência pode predominar dependendo da estrutura e características do paciente, mas também o tipo de relação de transferência vai mudando, bem como suas manifestações. Pelo que a transferência não é apenas o "retorno" dos afetos primários colocados no analista, mas também tem a ver com as diferentes reelaborações e conjunturas da vida que ocorrem ao longo dos anos e que se sentem a lágrima viva no espaço da análise. Freud argumenta que somente através da experiência de transferência é possível superar as resistências psíquicas do analisando, de modo que o reprimido seja ressignificado. No caso destes pacientes, a transferência foi caracterizada por ser muito intensa, confusa e sufocante. Às vezes hostil, porque alguns deles me diziam, por exemplo: "eu não gosto do barulho da sua porta", "eu não gosto do que você diz, mas do seu sotaque sim", "no seu país se usa assim", entre outras expressões. É necessário, para o analista, analisar sua contratransferência, para não interferir com o analisando e ser capaz de se diferenciar. Eu me senti invadida, inundada e desvalorizada com este tipo de pacientes, mas é necessário colocar o corpo como analista para ser um verdadeiro amparo.

Agora, o que a relação de transferência teria a ver com o vínculo? Penso que apenas através da relação de transferência é como o vínculo é criado – um vínculo que é

repetido transferencialmente – mas que, ao mesmo tempo, se re-historiciza em um novo relacionamento que permite manter a proximidade e o poder de diferenciar-se pouco a pouco, para se tornar um sujeito e construir a alteridade. Esse caminho é longo e doloroso; é necessário quebrar várias resistências, como quando o paciente está paralisado em sua narração ou quando atua o que ele não pode expressar. Contudo, a partir da análise da transferência e da resistência, é como podemos decifrar as chaves inconscientes do fantasma infantil, os enredos que se seguiram e as formações sintomáticas. Para fazer isso, temos que estar dispostos a sentir a loucura do paciente e a nossa própria loucura. Sustentar para que o outro tenha espaço e tempo. A relação de transferência é o fio condutor para que haja um vínculo que possa transformar o sujeito analisado; seguindo os processos fundamentais: associação livre, análise de transferência e resistência.

O vínculo , a alteridade e a distância suportável

Embora a noção de vínculo não seja definida por Freud, ele se refere ao termo *die Bindung*, como uma ligação, como a necessidade de trabalho psíquico para vincular representações e afetos. Isto se refere a laços libidinais entre indivíduos através da identificação (Freud, 1921). Para Winnicott (1971), o vínculo vai se desenvolvendo ao longo dos primeiros anos de vida, nos quais cria-se um espaço transicional que permite a diferenciação. Nesta primeira etapa, ocorre a discriminação do eu-não eu através do relacionamento com a mãe suficientemente boa, que entende as necessidades de seu bebê, ajuda-o a se diferenciar, o frustra e permite a ele o desejo e a fantasia. A mãe desempenha a função de *holding*, de sustentação do bebê e contém a hostilidade que aparece mediante a identificação projetiva. É através da díade mãe-bebê é que o vínculo é construído. O que Winnicott aponta me faz pensar que é exatamente o necessário para tornar a distância mais suportável no espaço da análise. O analista, através da análise da transferência e

contratransferência, cria um espaço vincular, um suporte para o psiquismo do outro, contendo a loucura do paciente e a constante identificação projetiva, que retorna a necessidade de alteridade, ou seja, que o analista pode favorecer um processo no qual o paciente possa identificar-se/desidentificar-se para ir se tornando um sujeito mais integrado.

A alteridade se refere à condição ou capacidade de ser outro ou diferente. No sujeito migrante, aparece constantemente a angústia perseguidora de não ser ele mesmo, mas ao mesmo tempo protege sua identidade em ser outro: o estrangeiro, o forasteiro, o migrante, aquele que vem de um país estranho, mas que para onde ele se mudou, ele escolhe que outros escolham por ele, como sua comunidade eclesiástica. Freud recuperou Schopenhauer, para analisar relacionamentos, como os ouriços que precisam de calor, e quanto mais perto eles ficam, mais dor é causada pelos espinhos do outro, mas que, ao contrário, quando se afastam, sentem o frio voraz. Qual é, então, a distância mais suportável?

A distância mais suportável é marcada pela estrutura, características e dinâmica inconsciente dos pacientes. A distância estabelecida entre um paranoico, um border, um psicótico, um neurótico não será a mesma. Como Green (2003) aponta, nas patologias do *déficit do eu*, nas quais existe ausência de representações e um pensamento vazio, o vínculo com o outro é constantemente experimentado como uma ameaça, uma vez que, através da identificação projetiva, aparece a necessidade de controle e de dominar o objeto. Aparecem as angústias de intrusão e separação. A primeira referida como uma angústia invasiva-fusional com o objeto que gera o medo de ser devorado por este, e a segunda, a angústia da separação, aludindo ao abandono e perda do objeto. Essas mesmas angústias são exercidas na transferência, por essa razão Green (2003) diz que é necessário manter uma distância útil que permita construir um vínculo não destrutivo. Isto implicará

flexibilidade e variações no processo analítico, no qual o paciente pode "reter" a presença do analista. Ainda mais nestes tempos diante da contingência do COVID-19. Isso incluirá a manutenção de um enquadre interno, entendido como a castração do analista, se comprometendo em analisar sua contratransferência. Da mesma forma, estabelecerá a regra fundamental da análise: associação livre para ter uma escuta e atenção flutuantes dos afetos, a fim de gerar as ligações que faltam. O trabalho em transferência permite ligar pontes para criar o vínculo. Portanto, é necessário que o analista empreste seu ouvido, empreste seu corpo e trabalhe a distância mais suportável para o paciente. Um paciente comentou comigo: “este é o único lugar onde eu me escuto, onde me lembro da calma do fogão da minha casa, me dá esperança”. Como aponta Janine Puget (1993), a criação do vínculo passará para o reconhecimento da alteridade, no qual a presença do outro constitui uma possibilidade de enriquecimento e dor para o paciente e o analista. A autora diz que um encontro é significativo se ele modifica quem o recebe e também quem o produz. A análise é como um túnel do qual não saímos da mesma forma que entramos. O vínculo nos dá a possibilidade de borrar ou traçar as fronteiras psíquicas, essas linhas itinerantes que são reescritas, que tentam legitimar a identidade nacional ou estrangeira e que colocam em tensão os modos de vida atuais. Octavio Paz (1957) já dizia: “[...] pão do sol para os outros, os outros todos que somos nós”

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1912). "Sobre a dinâmica da transferência" em *Trabalhos sobre técnica psicanalítica e outros trabalhos* (1911-1915). *Trabalhos completos*, Volume XII. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu editores, 1986.
- _____ (1921). *Psicologia das massas e análise do Self*. *Trabalhos completos*, Volume XII. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu editores, 1986.
- _____ (1938). *Esboço da psicanálise*. *Trabalhos completos*, volume XXIII. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu editores, 1986.
- Green, A. (2003). *O trabalho do negativo*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu editores.
- Paz, O. (1957). *Piedra y Sol*. Madri, Espanha: Visor, 2007.

- Winnicott, D. (1965). *Processos de maturação e o ambiente facilitador*. Buenos Aires, Argentina: Paidós. 1993.
- _____ (1971). *Realidade e jogo*. Barcelona, Espanha: Gedisa. 1979.
- Puget, J. (1993). "Na busca infável de um reconhecedor privilegiado" em *Actualidad Psicológica*. Ano XVIII, n. 196. março de 1993.